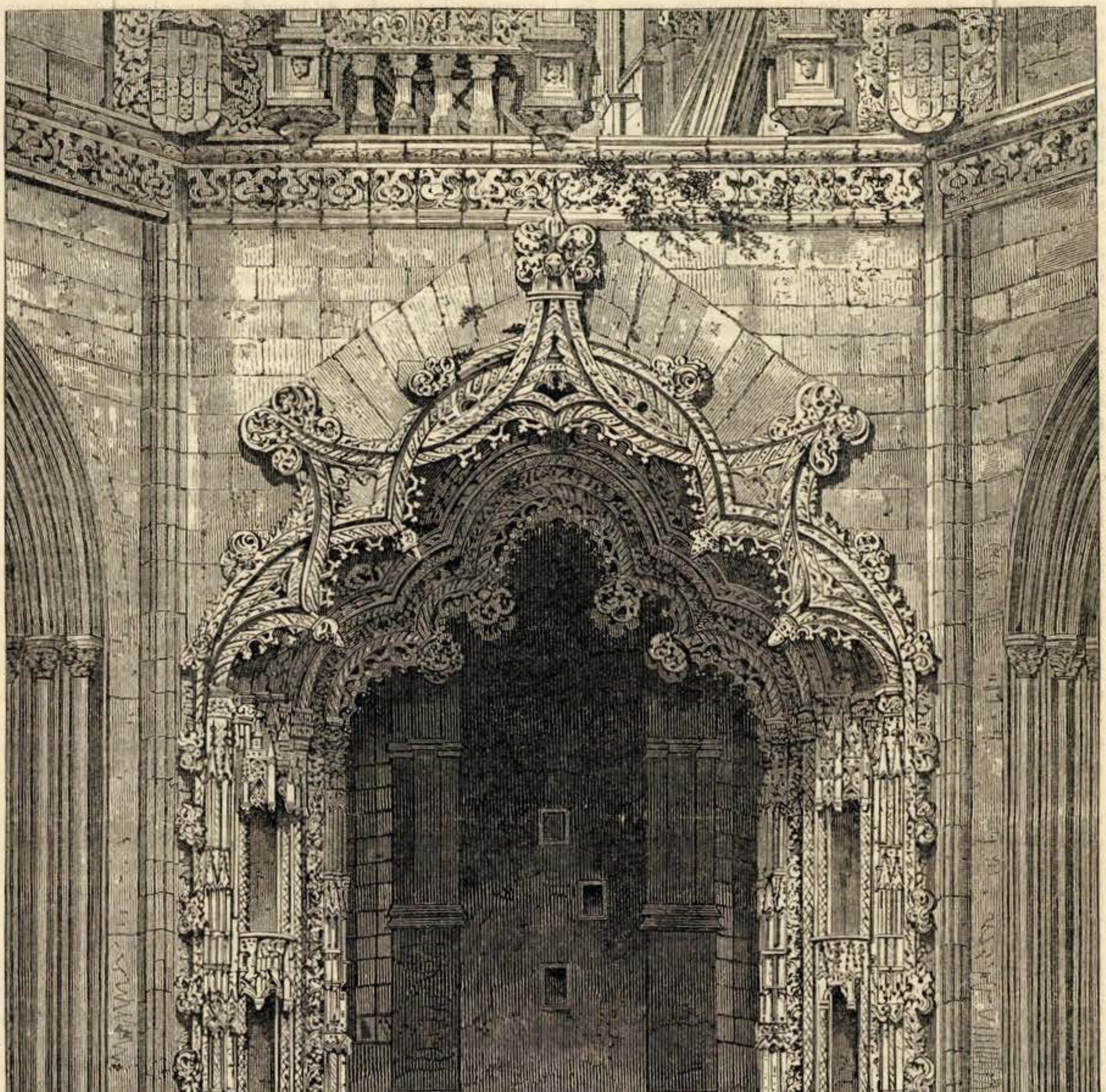


Portal das capellas imperfeitas, do lado interior

## MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 321)

Passado o gracioso portal que deixâmos descripto, entra-se no espaço octogonal, que a suspensão dos trabalhos deixou como uma grande praça descoberta, cercada das sete capellas mencionadas e do portico da entrada, com o qual se completa o octogono.

São todas as capellas eguaes na fórma, nas proporções e na ornamentação geral, variando apenas em certos emblemas e divisas. Posto que exteriormente apresentem tres faces, no interior tem a fórma de um semicirculo. Os arcos que lhe dão ingresso são ponteagudos. Sustentam-n'os delgadas columnas com seus capiteis de lavores variados; e guarnecem-lhes o angulo curvilineo recortes como de uma renda. A abobada é de pedra, e toda artezoada, com seus florões.

A capella que d'entre as sete fica fronteira ao por-

tico da entrada era destinada para receber as cinzas del-rei D. Manuel, conforme o indicam os emblemas que n'ellas se vêem esculpidos. São estes a esphera e a cruz da ordem de Christo, e a letra grega *Tanyas erey*, de que já fallámos, a qual se acha gravada nos remates dos angulos da mesma capella.

Tambem nos florões da abobada das sete capellas e nos arcos d'estas, pela parte de fóra, estão esculpidas ora a cruz da ordem de Christo, ora a esphera, em uns logares sem letra alguma, e n'outros a cruz com a letra *In hoc signo vinces*, e a esphera com as palavras *Espera in Domino*.

Outra capella tem um pelicano esculpido na pedra, sabida divisa del-rei D. João II, do que se collige que alli deveria ser collocado o mausoléo d'este grande rei. Assim tambem a que devia encerrar o corpo del-rei D. Affonso V distingue-se pelo *rodizio*, emblema de que usou este soberano, algumas vezes acompanhado da letra *É rodizio*, com a qual queria expressar quanto folgava de que o advertissem dos seus erros, pois que a dita letra sôa do mesmo modo que as palavras: *Erro dize-o*.

Não obstante serem os arcos das sete capellas decorados com diversidade de esculpturas delicadas, sobreleva a todos na riqueza da ornamentação e na perfeição dos lavores o portico da entrada, do lado interno. É um arco polycurvo de phantasiosa invenção, e todo coberto de rendas e relêvos, tão brincados e subtis, que os não faria mais perfeitos e mimosos na madeira o melhor entalhador.

A gravura que juntâmos d'este magnifico portico, copiada com a mais escrupulosa exactidão de uma excellente photographia, dá uma idéa mais cabal d'esta obra de arte do que o poderia fazer a mais minuciosa descripção.

Sobre este portico e as sete capellas corre em volta da parede um friso todo lavrado de relêvos, no gosto da architectura do renascimento.

Por cima do friso, e em correspondencia das capellas e do portico, abrem-se oito janellas; e entre estas, nos angulos, resaltam da parede os escudos das armas reaes e a cruz da ordem de Christo, guarnecidos pelos lados de uma cercadura de folhagens em relêvo. A janella sobre o portico é differente das outras. Além de ser mais larga, tem a fórma de uma tribuna, com balaustrada e mais decorações proprias do estilo do renascimento.

Pararam as obras deixando as paredes em toda ou quasi toda a altura das janellas.

Pois que os nossos leitores já podem ajuizar da estructura das capellas imperfeitas por esta breve descripção, e ainda mais pelas gravuras que lhe temos ajuntado, passaremos agora a expender algumas considerações ácerca d'esta fabrica por tantos respeitos singular.

As capellas imperfeitas são uma verdadeira excrescencia do edificio monumental da Batalha, não só por não ter entrado no plano primitivo do monumento, e pelo muito que prejudica o templo externa e internamente, como ponderámos em outro logar, mas tambem porque destroe aquelle pensamento de unidade que presidiu á traça do edificio, e que constitue um dos titulos que mais o recommendam ao exame e apreço dos artistas intelligentes.

Se esta fabrica fosse construida segundo o mesmo estilo de architectura que vemos no templo e capella do Fundador, ainda assim dava occasião a justa censura a escolha do local pelas razões expostas. Porém accresce a isto, o que não é menos lamentavel, a differença e até confusão dos estilos architectonicos. Examinaremos rapidamente quaes são esses differentes estilos, e o modo por que se operou similhante amalgama.

Sendo el-rei D. Duarte o fundador das capellas imperfeitas, como demonstrámos, devemos suppor com boa razão, que o architecto chamado para fazer a traça a delineára no mesmo gosto de architectura do monumento visinho. Adduziremos em abono d'esta opinião dois argumentos: primeiro, que em todo o reinado do mestre de Aviz não apresentou a architectura entre nós variação alguma. N'esse longo periodo apenas se aperfeiçoou o estilo gothico, então usado, attingindo a sua maior pureza e elegancia; e n'este estado se conservou durante o curto reinado de D. Duarte. O segundo argumento, que fortalece o antecedente, é que as primeiras obras das capellas imperfeitas estão construidas conforme o estilo gothico puro. Observe-se as sete capellas exteriormente, e ver-se-ha nas suas janellas a mesma elegancia de fórmas e nobre simplicidade que distinguem o monumento de D. João I. Tanto aqui como interiormente nos arcos das ditas capellas, até aos capiteis das columnas, não se descobre um unico lavor que altere a magestosa singeleza d'aquellas esbeltas columnas. Não se vê alli, nem nas paredes externas, nem nos gigantes que as robustecem, enfeite algum d'essa ornamentação caprichosa, que é uma das feições caracteristicas da architectura gothico-florida, que acompanhou todo o reinado del-rei D. Manuel.

Cremos, por conseguinte, que esta parte do edificio pertence ás obras começadas por el-rei D. Duarte, e continuadas por seu filho el-rei D. Affonso V. É verdade que sob o governo d'este ultimo soberano começou a introduzir-se no paiz aquelle estilo florido, já muito antes seguido no meio dia da Europa, o qual, sendo uma degeneração da architectura gothica, era o ponto de transição para a do renascimento. Todavia, quem n'essa epocha dirigiu a continuação d'aquella obra teve o juizo e bom gosto de lhe não fazer alteração alguma no estilo architectonico. E note-se que, se se considerar em que os cinco annos do reinado de D. Duarte era um espaço de tempo bem curto para se poder dar grande desenvolvimento aos trabalhos de uma fabrica tão grandiosa, ainda quando se queira conceder que elles tiveram principio logo que este monarcha subiu ao throno, dever-se-ha attribuir a el-rei D. Affonso V uma grande parte do edificio a que chamâmos *primeiras obras*, por mostrarem as mesmas feições que predominam no templo contiguo.

El-rei D. João II teve o seu reinado tão agitado de discordiás e tão cortado de desgostos, e escasseou-lhe tanto o tempo para as reformas e emprezas uteis que emprehendeu e projectou, que mal lhe chegou para cuidar de edificações; e tanto foi assim, que algumas que desejava levar a effeito apenas se limitou a deixal-as recommendadas ao seu successor, como aconteceu com a torre de Belem, com a egreja de Santo Antonio em Lisboa, e com mais outras obras.

Em vista d'estas razões, talvez nada fizesse ou pouco adiantasse a construcção das capellas imperfeitas. Porém, se alguns trabalhos alli se executaram por sua ordem, estão certamente comprehendidos na mesma parte do edificio que attribuimos a seu pae e avô, os reis D. Duarte e D. Affonso V. Persuade-nos a isso vermos nas abobadas das sete capellas, nos angulos curvilineos dos seus arcos, nos dois porticos, ou, diremos melhor, nas duas faces, exterior e interior, do portico da entrada das ditas capellas, e nos portaes que dão ingresso para o pateo que as precede, e lhe devia servir de vestibulo, os emblemas, motes e divisas del-rei D. Manuel, e todos os signaes que caracterisam a architectura gothico-florida. Toda esta obra tem, pois, o cunho do fundador do mosteiro de Belem.

Nos portaes que dão para aquelle pateo vêem-se duas inscripções, uma em letra allemã, e outra em letra romana, dizendo ambas: *Perfectum fuit anno Domini* 1509. Em vulgar: Acabou-se esta obra no anno do Senhor de 1509. Apenas servem estas inscripções

de declarar o anno em que se acabaram os mencionados portaes, porquanto as construcções del-rei D. Manuel fallam por si da epocha da fundação e do nome do fundador.

O grande portico da entrada das capellas, com as suas duas faces de desenho e lavores inteiramente differentes, é todo obra do mesmo soberano, ou porque os seus successores não tivessem começado esta parte do edificio, ou porque o architecto, desdenhando a singeleza de outras eras, e querendo ostentar alli a fecundidade da sua imaginação e o luxo da architectura então dominante, demolisse o que estava feito, para edificar de novo.

Já dissemos que continuaram os trabalhos depois da morte del-rei D. Manuel. Para comprovar esta asserção não é preciso recorrer ao testamento d'este monarcha. Basta ver o friso que corre sobre as capellas, e tudo mais que se levanta d'alli para cima, para se reconhecer que esta parte do edificio foi construida em tempo del-rei D. João III, pois que não ha alli um unico ornamento que não pertença exclusivamente á architectura do renascimento, que se introduziu em Portugal no começo do reinado d'este soberano.

Foi recebido esse novo estilo architectonico com tamanho enthusiasmo, obteve tão geraes applausos como restauração gloriosa das artes, que o estilo gothico, sem excepção do *florido*, que era a transição para o do renascimento, em razão de certos ornatos que aceitára d'este, foi proscripto e anathematisado. Os monumentos que se achavam em construcção foram, por conseguinte, acabados segundo as regras do novo estilo. Assim enxertaram no templo gothico de Belem uma capella-mór com pretenções a arremedar a architectura classica, ou da antiga Grecia. E nas *capellas imperfeitas da Batalha* lá foram, não só dar um novo e differente remate ao monumento gothico, mas até destruir, com menoscabo da arte, o pensamento concebido pelo primeiro architecto do edificio para lhe formar a abobada. Como se póde ver na gravura a pag. 345, o friso acima referido cortou os feixes de delgadas columnas, que, acostados aos oito angulos, deviam ir servir de base aos artezões da abobada.

D'est'arte tambem collocaram sobre o portico manuelino de mil variados relêvos uma tribuna com a sua balaustrada, perfeito exemplar do estilo do renascimento. E n'este mesmo genero de architectura construiram as janellas sobre as sete capellas ogivaes [1].

Vêem-se, pois, nas capellas imperfeitas tres diversos estilos architectonicos, representantes de tres differentes epochas da nossa historia: o *gothico puro*, que é como o padrão das emprezas cavalleirosas del-rei D. João I e de seus illustres filhos, e dos primeiros descobrimentos dos portuguezes; o *gothico-florido*, onde o cinzel esculpiu os fastos gloriosos de Portugal, triumphante, poderoso e temido na Africa, na Asia e na America; e, finalmente, o do *renascimento*, que, em opposição ao seu titulo, marca o principio da nossa decadencia no poder, na riqueza e nas proprias artes.

A julgar pela obra que nas capellas imperfeitas deve ser attribuida a el-rei D. João III, ha todo o fundamento para dizer que os trabalhos se prolongaram alli durante uma boa parte do reinado d'esse soberano. Não sabemos a epocha precisa em que pararam, nem temos indicio algum para conjecturas. Apenas podêmos suppor que, ordenando a suspensão dos trabalhos, aquelle monarcha desistiu de levar a obra por diante, pois que mandou fazer os mausoléos que estão na capella-mór do templo, e trasladou para elles os corpos da rainha D. Leonor de Aragão e del-rei D. Duarte, seu esposo, que el-rei D. Manuel recommendára em seu testamento que fosse trasladado para as capellas imperfeitas.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Ainda no seculo passado, o architecto encarregado de reparar os estragos causados no templo de Belem pelo terremoto de 1755, commetteu aquelle absurdo, e deu maior prova de mau gosto guarnecendo o côro com um largo friso lavrado e balaustrada, em substituição da antiga renda de miudos lavores.

---

## DA PATRIA AO CEO

### CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 339)

Era por uma linda manhã de maio. Tudo cantava e ria: o sol, apparecendo no oriente, as aves no arvoredo, os sinos nas torres, e as flores nos jardins. Tudo cantava e ria, menos o coração da pobre Theresa, que estava desconsolado.

Theresa foi ao jardim ver se a roseira tinha rosas para ornar o altar da Virgem. Estava carregada d'ellas, e nunca as ostentára tão formosas como n'aquella manhã. O que lhes faltava era unicamente algumas gotas de orvalho que lhes abrilhantassem as frescas folhas, reflectindo os primeiros raios do sol que principiava a illuminar o horisonte.

Theresa colhia as rosas e chorava. Fez com ellas um ramalhete e dirigiu-se á egreja, que o sacristão deixára aberta em quanto subia á torre para tocar á missa.

O primeiro raio do sol, penetrando pela janella do templo, banhava com a sua doirada luz o altar da mãe de Deus.

Theresa poz no altar o ramo de rosas, coroadas de lagrimas, e de subito um esplendor divino lhe deslumbrou os olhos e inundou de luz o templo. O sol, reflectindo nas lagrimas que serviam de coroa ás rosas, parecia ter transformado cada lagrima em um diamante rico de luz e formosura.

A pobre aldeã levantou os olhos attonitos para a Virgem, e julgou ver um sorriso de amor e gratidão nos labios da rainha do ceo.

Saíu pouco depois do templo com o coração amplo de santa esperança, e dirigiu-se apressada para casa, a fim de que participasse d'esta alegria o filho de suas entranhas.

Passando junto do palacio do americano, ouviu uma voz que a chamava, e ergueu os olhos para as janellas.

— Sóbe, Theresa, disse-lhe o americano, que desejo fallar comtigo..

Theresa apressou-se em subir, mui alegre, sem saber por quê.

— Enxuga as lagrimas, Theresa, accrescentou o americano, que eu vou proporcionar-lhes a subsistencia a ti e teu filho.

— Filho da minha alma! — exclamou a aldeã, pensando antes na felicidade do filho que na propria.

O americano continuou:

— Tenho grandes riquezas na America, e vou fazer longa viagem para voltar aqui trazendo-as commigo, porque desejo passar n'esta aldeia o resto de meus dias. Não tenho familia nem parentes aos quaes confie o cuidado da casa durante a minha ausencia, e resolvi que tu e teu filho tomem a seu cargo este cuidado.

— Conservaremos fiel e religiosamente o que nos confie, meu senhor! — exclamou Theresa.

— Se assim o fizerem, como não o duvido, ao meu regresso constituirão a minha unica familia; se fallecer antes de voltar, não me esquecerei de vossês, e durante a minha viagem terão o necessario para viver tranquillamente.

Theresa podia apenas expressar a sua gratidão,

porque a alegria lhe embargava a voz. O americano, que estava na sua bibliotheca, que encerrava milhares de volumes, continuou:

— Vês estes livros, Theresa? Trata-os com esmero, porque elles tem sido sempre e serão os meus melhores amigos; a elles devo a tranquillidade da alma, o que vossês, pobres aldeões, que nunca viram sabios, chamam a minha sabedoria; e até lhes devo as riquezas que possuo n'esta aldeia e na America.

— Assim o faremos, meu senhor, disse Theresa. Meu filho sabe ler, mercê de Deus, e gosta muito de livros, ainda que em casa temos apenas a historia de *D. Quixote*, os *Foros de Biscaya* e outros dois. Não tenha cuidado, que o meu Pedro os conservará limpos como o sol, e na ordem em que v. s. os deixe.

— Muito bem, Theresa. Podem hoje mesmo vir para aqui, porque estou resolvido a sair ámanhã ao romper do dia.

— Meu senhor!... murmurou Theresa, córando como se tivesse que fazer alguma objecção ás propostas do americano, e não se atrevesse a fazel-a.

O americano comprehendeu-a logo.

— Não queres deixar a tua casinha? Approvo-o, Theresa, e isso torna-te mais digna da minha confiança.

— Não deve estranhar: é tão commoda, tão branca, tão aceiada e tão bella...

— Sim, sim: é-o para os que vivem de recordações e derramaram n'ella toda a sua alegria e tristeza.

— E logo, continuou Theresa, alli nasceu meu filho e se finou meu marido, e se não a habitarmos, reinará n'ella o desamparo, entrar-lhe-ha a agua pelo tecto e pelas paredes, e a pobresinha arruinar-se-ha a final, que é como se morresse de tristeza... Ah! meu senhor! quão lastimoso é vermos o lar deserto e em ruinas! Quando eu ou o meu Pedro passâmos por junto da velha azenha que ha na beira do rio, saltam-nos as lagrimas, porque querem dizer muito aquellas paredes ainda ennegrecidas pelo fogo do lar, aquelle poial que ainda se conserva alli frio e solitario, e aquellas letras, feitas com a ponta da faca ou com a pá, que ainda estão vivas na parede; e aquelles pregos que ainda permanecem junto da janella.

— Dizem muito essas coisas para os que não tem familia, como eu, e muito mais ainda para os que a tem! Não deixes a tua casa, não, porque a pobre, como dizes, morreria de tristeza. Venham de dia cuidar do meu palacio, e de noite ficará teu filho n'elle, mas não apaguem jámais o fogo no lar da familia.

— Assim o faremos, meu senhor, e gravaremos no coração a bondade de v. s.

O americano fez um gesto para que Theresa não continuasse a expressar-lhe o seu agradecimento.

Theresa levantou-se ao alvorecer do dia seguinte para se despedir do americano, foi ao jardim, tomou a melhor rosa que tinha na roseira, e, dirigindo-se á egreja, trocou-a pela melhor que estava no ramalhete da Virgem.

— Esteve esta rosa no altar da Virgem, disse ao americano. Leve-a comsigo, porque o coração diz-me que, levando-a, não morrerá v. s. n'essas estradas nem n'esses mares traiçoeiros, desamparado de Deus e dos homens.

O americano era um sabio, e, como se diz agora, um homem do mundo; mas era dos sabios e homens do mundo que acreditam em Deus, e, ainda que não acreditem, admiram e respeitam santamente a crença dos outros.

O americano acceitou com profundo reconhecimento a rosa que lhe offerecia a aldeã, e collocou-a cuidadosamente em uma caixa, onde se lhe conservasse a formosura e o perfume.

Tomou pouco depois o caminho de Bilbao, onde devia embarcar para a America central.

Todas as manhãs, quando o sacristão entrava no templo para tocar a matinas, entrava após elle Theresa e collocava no altar da Virgem um ramo de rosas frescas, coroadas de lagrimas... mas coroadas de lagrimas de alegria.

III

Façamos com duas pinceladas o retrato de Pedro, de Pedro tal qual era quando Theresa foi encarregada pelo americano de lhe cuidar do palacio, e não tal qual era quatro annos depois.

— E por que vaes retratal-o na primeira d'essas duas epochas?

— Porque physica e moralmente se transformára no decorrer da primeira para a segunda, e esta transformação resiste ao meu pincel, que só se compraz em traçar quadros de innocencia.

— Deixa, purissimo nume dos *Contos côr de rosa*, que o leitor despreoccupado se ria das minhas creações; deixa que zombe da minha affeição em retratar pobres mães e pobres crianças que só sabem crer e amar. Sei que ha corações que palpitam ante os meus humildes quadros. Uma d'essas pulsações e uma d'essas lagrimas apaga todos os sarcasmos que o leitor despreoccupado possa lançar sobre taes quadros, meu amor.

— Tornou-se então mau o filho de Theresa, tão querido e exaltado por sua mãe?

— Mau, no sentido que dá o mundo a esta palavra... não; porém mau, no sentido que eu costumo dar-lhe... sim. Porque sabes que tenho por mau aquelle que, sujeitado o coração por febris ambições e desvairada a mente por loucas chimeras, em vez de abençoar os beneficios que Deus lhe envia, rejeita-os por miseraveis, e julga-se com direito a obter o primeiro quinhão na partilha da herança humana.

Olha, rosa da roseira dos meu amores, nasci em um valle parecido com aquelle em que nasceu Pedro. O horisonte que se descobria da casa branca de meus paes era tão limitado, que a minha vista o alcançava perfeitamente.

— Minha mãe! — perguntei um dia á que me trouxe nas suas entranhas, ha mundo mais além d'aquelle alto onde apparece o sol todas as manhãs, e mais além d'aquelle outro onde se esconde todas as tardes?

— Não, meu filho, me respondeu ella.

Decorreram annos, e deixei as margens do Cadágua pelas margens do Manzanares.

Quando subo ao cume dás montanhas do Principe Pio, dirijo as vistas para as collinas de Vicalvaro, ou para as de Sumas-aguas, e pergunto á santa mãe que me espera no ceo:

— Minha mãe! ha mundo mais além d'aquellas collinas?

— Não, meu filho! — me respondeu minha mãe do ceo; acredito-a ainda, e ainda sou feliz acreditando-a.

Esquecia-me, porém, de Pedro e da pobre Theresa.

Chamo pobre a Theresa, pois era-o ainda mais que na occasião em que o americano a chamou para que lhe cuidasse do palacio. Era então seu filho tão ignorante como ella; mas, como ella, amava a casa paterna e admirava a formosura dos arvoredos do valle; julgava o mais bello do mundo o templo onde fôra baptisado; tinha pelas ruinas mais veneraveis da terra as da azenha do nogueiral: não julgava que houvesse rio mais poetico e formoso que o que em certo dia fizera mover aquella azenha; não concebia que houvesse no orbe sabios que egualassem o parocho e o mestre eschola da aldeia; e considerava Rosa, sua visinha, a joven mais formosa do universo. Quatro annos depois parecia ter mudado completamente de sentimentos e opiniões.

E a pobre Theresa, advertindo esta mudança no filho, chorava como Magdalena, acompanhando-a na

sua tristeza Rosa, que era já uma rapariga tão bella como as flores que tem o seu nome, e tão boa como devia ser aquella a quem Theresa désse o suavissimo nome de filha.

Pedro, segundo se dizia no valle, fizera-se um sabio; mas ainda que isto se dissesse, Theresa e Rosa não deixavam de chorar.

Fizeste bem, meu Deus, em afastar a arvore da sciencia do humilde auctor dos *Contos côr de rosa*, porque um titulo de academico vindo das margens do Rheno, do Tamisa ou do Sena, não vale tanto como as seguintes linhas vindas das margens do Cadágua, e escriptas pela mão trémula de um labrego:

— Meu filho: Temos a toda a hora o teu nome nos labios para te abençoar. Quem longe de seu valle nativo se recorda de seus paes e de seu valle — abençoado seja!

Pedro, affeiçoado desde criança aos livros, podéra satisfazer esta paixão desde que se viu possuidor da copiosa livraria do americano.

Viveu por espaço de quatro annos quasi constantemente encerrado n'ella, devorando milhares de volumes, entre os quaes havia-os de todos os generos, uteis e prejudiciaes, fructo da ignorancia e da sabedoria, da imaginação extraviada e da imaginação dirigida pelo bom caminho.

Propensa a d'elle, por natureza, a exaggerar tudo, e a transviar-se em continuas allucinações, percorrêra o mundo e as edades, povoando assim uma como as outras de phantasmas que gritavam ao desventurado mancebo:

— «Vem a nós! Não existe a felicidade, nem póde existir, n'esse cantinho do mundo! Nós habitâmos as montanhas da Suissa, onde vaga a sombra de Guilherme Tell; as margens do Rheno, povoadas de silphides e wills; os canaes de Veneza, onde ainda resôa o cantico dos gondoleiros; as ruinas do circo romano, tintas pelo sangue dos martyres; o golpho de Parthenope, sombreado pelos loiros de Virgilio; os harens e jardins de Bysancio; a santa Palestina, onde vivem ainda Jesus, Godofredo e Pedro o eremita; a Grecia, patria dos deuses e semideuses; a India, terra




Acampamento do 7.º batalhão de voluntarios no sitio da Agua-Branca

dos rios sagrados e das pedras preciosas; e a America, ultimo refugio dos governos patriarchaes, e theatro unico das grandes scenas da natureza. Vem a nós, que onde estivermos estará a felicidade.»

Se Pedro acreditava o que diziam aquelles phantasmas que víra sobresair nas paginas que devorára por espaço de quatro annos, vagos, indecisos, obscuros no principio, mas distinctos, perceptiveis, luminosos depois.

Tinham-lhe assenhoreado a alma a tristeza e o agastamento; tudo, tudo quanto o valle encerrava, até sua mãe e Rosa, se lhe figurava pobre, miseravel, vulgar, indigno de ser amado.

Sua mãe, Rosa, o parocho, o mestre eschola, todos os habitantes, em fim, do valle, procuravam desterrar-lhe da alma as febris ambições que a consumiam; mas os seus conselhos, as suas observações, os seus rogos e as suas lagrimas, eram inuteis... Pedro, todavia, era o objecto da compaixão d'aquelles rusticos individuos, que, como não tinham visto o ceo, não se julgavam desterrados na terra.

Ouve como pensava Pedro a respeito do amor, e pede a Deus que não sáiam nunca dos meus labios nem dos teus estas palavras:

— «Tu não me comprehendes! A tua alma não póde comprehender a minha!»

(Continua)

## GUERRA DO BRASIL

### O ACAMPAMENTO DO 7.º BATALHÃO DE VOLUNTARIOS NO SITIO DA AGUA-BRANCA

O tyranno governo do formoso mas barbaro Paraguay declarou uma guerra traiçoeira ao Brasil! Onde quer que chegam as phalanges paraguayas, levam adiante de si a pilhagem, o incendio, a devastação, praticando actos de tão barbaro vandalismo e de tão torpe immoralidade, que excedem a ferocidade dos antigos conquistadores.

O imperio teve que repellir tão grande affronta, e um brado de «guerra» soltado na capital echoou pelos valles e montanhas de toda a terra de Santa Cruz.

S. Paulo, a terra de Amador Bueno, não podia ficar insensivel ao reclamo da patria commum. Além do corpo da guarnição e o de policia que marcharam para Matto-Grosso, organisou-se um batalhão de voluntarios da patria. Quando aqui se ouviu dizer que o proprio imperador seguia para o Rio Grande do Sul, cujas fronteiras já se achavam invadidas pelo inimigo, todo o batalhão ficou possuido de uma louvavel impaciencia por não poder seguir o augusto chefe da nação.

Muitas praças, vendo que tinham de fazer uma viagem ingloria, maior de trezentas legoas, atravessando sertões e desertos faltos de viveres, quando a gloria

os chamava ao Rio Grande ou Corrientes, possuiram-se de certo desanimo, e uns desertaram, outros empenharam-se para alcançar a sua baixa. Ainda assim, o corpo ficou com a força de 603 praças.

A 24 de julho o batalhão passou revista em ordem de marcha, e, depois das 10 da manhã, seguiu viagem com destino a Matto Grosso, indo formar o acampamento no logar denominado «Agua-Branca», a pouco mais de meia legoa da cidade.

O batalhão saiu da capital entre vivas e saudações de uma povoação que victoriava os filhos da patria que iam em demanda do inimigo.

O presidente da provincia, o commandante superior da guarda nacional, com a sua officialidade, muitas pessoas notaveis e muito povo, acompanharam o bravo batalhão de voluntarios.

Na extensa e linda encosta da Agua-Branca, toda coberta de relva, ergueu-se o primeiro acampamento, cuja vista acompanha este artigo, sendo tirada pelo habil photographo portuguez, o sr. Gaspar Guimarães.

O *Correio Paulistano* publicou um bello artigo do distincto academico do 4.º anno, o sr. J. F. de Menezes, escripto no proprio acampamento.

Transcreveremos alguns periodos.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«A noite esteve inda mais bello o acampamento.

«Imagine-se um ceo estrellado; a via-lactea, o cruzeiro, mais brilhante do que nunca, mesmo em cima de nossas cabeças; os fogachos diante das barracas; a musica e as vozes de canto, de chamamento e mil outras, no meio das quaes ninguem se ouvia, e menos se entendia, excepto os voluntarios, que estavam álerta do toque de corneta.

«Os numerosos academicos que se achavam aqui (hoje é a segunda noite), unidos a alguns officiaes e praças e a diversas pessoas, dirigiram-se, precedidos da banda de musica, á barraca do commandante.

«Saudaram-n'o todos enthusiastica e sinceramente.

«Alguns bellos discursos alli foram pronunciados, quaes os dos academicos Camillo de Brito, Martinho Contagem; e os dos capitães dr. Felicio Camargo, e Marques; tenente Martinho Prado, alferes Autran, capellão do corpo; e o de um moço cadete, dotado de um bello talento, Marques, filho d'aquelle velho e bravo capitão do mesmo nome.

«Outro, que não esteve a par d'esses, a não ser pelo assumpto e pela mesma inspiração, foi tambem ouvido benevolamente.

«O dever, o enthusiasmo e as affeições levaram-me áquella ousadia, que certo será desculpada.

«Os vivas á gloria nacional, aos voluntarios, ao patriotismo, inda uma vez tão espontaneamente provado pelo imperador, aos valentes de Paysandú, Coimbra, S. Borja, Riachuelo; ao digno commandante do batalhão; ao digno major, e a toda a distincta officialidade, reboaram vehementes por todo o vasto espaço do acampamento.

Entre elles foram de' mistura adeuses aos nossos companheiros da academia, que lá vão caminho da gloria e da honra: Felicio, Martinho Prado, Mattheus Marques, Olympio da Paixão, Coroacy.

«O tenente-coronel Pacca respondeu agradecido, e deixou-nos captivos pelo tratamento benevolo que nos prodigalisou.

«Devo dizer que todas as praças e officiaes erguiam estrepitosas saudações ao digno chefe, e todos se mostram tão satisfeitos a dizerem em uma mesma voz que hão de seguil-o até ao extremo e não o deixarão morrer só, nem longe.

«Felicio e Martinho responderam commovidos: os bravos e os applausos dos seus novos e os dos seus antigos companheiros interrompiam-n'os a cada palavra cheia de sentimento e tristeza.

«As cornetas tocaram á reza; cada companhia formou em linha; erguem-se então as orações da primeira, depois a da segunda, da terceira, casando-se todas, a final, n'uma harmonia em que os nomes de Deus e de Maria são as notas mais sublimes.

«O ceo era o mesmo, limpido e sereno; as estrellas mais brilhantes; a lua, magestosa, allumiava propicia os campos de aljofares.

«A reza finalisa pelo «Bemdicto»; n'esse momento ajoelham todos; as vozes tornam-se mais sentidas; ah! é que ellas são uma aspiração a Deus, saudades do berço, do lar e da familia!

«Visto assim, n'aquelle instante, o acampamento era magestoso; o viajante desprevenido que batesse a estrada áquellas horas, julgar-se-hia envolto em sonho diante de uma povoação phantastica.

«Finda a oração. Ouve-se aqui e alli a voz pronunciada do paulista, as cantigas do sertão, a viola, tudo em uma harmonia indizivel.

«Referir o que se diz em cada barraca, saber de que, entre si, em roda do fogo, se riem os soldados, é impossivel.

«Mas lá toca a silencio. O official da ronda e o do estado maior, impõem silencio e mandam apagar as vélas.

«É o que faço por hoje, tanto mais que o frio está de rachar.

«Amanhã marcha o batalhão.»

Quando o corpo se achava já na altura chamada dos Perús, recebeu ordem do governo imperial para retroceder, a fim de embarcar no porto de Santos com destino ao sul. Mais agradavel noticia não a podiam os voluntarios receber.

A 12 de agosto effectuou-se o embarque na cidade de Santos, a bordo do vapor *Princeza*, por entre vivas acclamações do povo santisto, que tão nobre logar tem tomado na desaffronta da sua patria, e a esta hora deve ter tomado gloriosa parte na guerra.

O batalhão levou comsigo um sagrado talisman: uma rica bandeira bordada a oiro pelas senhoras paulistas, e por ellas offerecida aos seus comprovincianos.

Já em S. Paulo se está organisando um segundo batalhão de voluntarios, e um moço paulista, natural de Campinas, o sr. Luiz V. Q. dos Santos, empregado no commercio da corte, promoveu entre os seus comprovincianos alli residentes uma subscripção para offerecerem uma rica bandeira ao 7.º batalhão de voluntarios da sua provincia. O sr. conselheiro Paula Sousa, ministro da agricultura, e natural de S. Paulo, é o maior subscriptor.

Quando uma nação se levanta forte e unida, e o seu primeiro cidadão deixa familia e commodidades para se pôr á frente do seu exercito, não ha que temer do estrangeiro, por mais forte e audaz que elle seja.

As armas imperiaes e as dos alliados começam a colher grandes vantagens sobre as do inimigo. Oxalá não esteja longe o dia em que o tyranno do Paraguay pague a temeridade do seu arrojo e das suas crueldades.

S. Paulo, 1865. J. D'ABOUCE.

---

## A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA

(Vid. pag. 342)

VII

Comecemos pelo sul. Devemos a precedencia á republica argentina, porque tambem a republica argentina teve entre todas a superioridade nos infortunios. Esse bello paiz, que se recosta nas margens do Rio da Prata, e cuja capital, Buenos-Ayres, foi outr'ora, como Bogota e Caracas na Columbia, um dos focos da

insurreição contra os hespanhoes, teve mais que nenhuma outra que soffrer com as terriveis alternativas da guerra civil. Não se esquivou á anarchia senão para cair debaixo do jugo tyrannico e feroz do celebre dictador Rosas. A infeliz confederação não escapava aos debates sanguinolentos dos Syllas e dos Marios americanos, senão para se curvar sob a dominação de Tiberio; e quando o celebre general caíu a final do poder, foi de novo a anarchia quem recebeu do despotismo esse legado de sangue e de proscripções.

Buenos-Ayres está collocado á beira de um dos maiores rios da America do Sul, e, fitando de longe os olhos nas ondas do Oceano meridional, vê-se por outro lado cercado por essas immensas solidões dos pampas, ermos e vastos como a extensão dos mares, sublimes de aspecto, ricos de grandiosa inspiração. Entre essas duas immensidades, a das aguas e a do deserto, era natural que a sua poesia assumisse a altiveza, o tom magestoso que só póde afinar com a grave e sonora voz das brisas da amplidão. Por outro lado, a prosperidade commercial de Buenos-Ayres, a magnifica posição da opulenta cidade, o caracter energico dos seus habitantes, tudo parece confirmar e robustecer a esperança de que a confederação argentina ha de desempenhar um papel importante nos futuros destinos da America. Essas esperanças vagas balbucia-as tambem a poesia, e são essas duas influencias combinadas que dão aos cantos dos poetas argentinos, um tom enthusiastico e altivo que revela as suas aspirações e o seu legitimo orgulho patriotico.

Por outro lado, a tyrannia de Rosas pesava duramente sobre a patria, e com especialidade sobre os homens de pensamento. Como todos os despotismos, e principalmente como todos os despotismos da espada, o governo de Rosas desconfiava da penna, e da sua persuasiva tyrannia, que lucta mais ou menos primeiro que se estabeleça, mas que a final sempre campeiá sobre as ruinas das ephemeras instituições que julgavam pôr barreira eterna á torrente da intelligencia.

Rosas, pois, opprimia e perseguia, mais que todos, os escriptores, e principalmente os poetas. Estes, a final, comprehenderam no nosso seculo qual era o seu poder e o seu dever, e, em vez de se coroarem de rosas e dedilharem a lyra no meio dos desastres publicos, fizeram da lyra gladio, e lançaram ao meio das refregas a sua voz poderosa e sempre escutada. O povo, Rosas bem o sabía, passava indifferente junto do empolado rhetorico, do frio argumentador, que guerreavam o tyranno com discursos declamatorios ou com gélidos raciocinios; mas os tribunos melodiosos, cuja palavra é musica, imagem colorida a phrase, esses arrastam as multidões e são verdadeiramente perigosos para o despotismo.

Entrando com todo o ardor da sua imaginação exaltada nas luctas politicas, os poetas da republica argentina provocaram o raio que anciava por fulminal-os. Mármol, talvez o primeiro poeta do Rio da Prata, foi encarcerado por ordem de Rosas, quando o auctor dos *Cantos do Peregrino* tinha apenas vinte annos de edade, e depois exilado para as regiões do polo austral; Echeverria conhece tambem os horrores do desterro, e morre no estrangeiro; Varela é apunhalado á porta de sua casa; Ascabusi escapa da morte por esquecimento do carrasco, e da prisão porque salta por cima dos muros da cadeia. Estas angustias, que não podem quebrantar a força do animo e o amor patriotico dos poetas, dão apenas á litteratura argentina um tom de indignação e de tristeza, que ainda mais caracteristica a torna, e que lembram vagamente a poesia italiana, chorosa e fremente, melancolica e altiva, que pranteia o aviltamento da patria e se recorda com ufania do passado; a poesia argentina, essa chora as discordias da patria, e anceia sempre com esperança e intrepidez pelo futuro.

Nos versos de Mármol é que mais do que em nenhuns outros se revela esta indole caracteristica do seu paiz. Quereis ouvir os versos que elle entoava, quando, a bordo de um navio, fugia para a terra do exilio, terrivel pelas saudades que o iam lancear, terrivel pelos rigores climatericos das regiões antarcticas? Oiçamol-o pois:

É a America a virgem que em seus canticos
aos povos prophetisa a liberdade;
na fronte juvenil já luz a estrella
que ha de ámanhã rasgar a escuridade.

O radiante fulgor deslumbra a Europa
de quem se afasta o seculo vindoiro;
que já bebeu a taça do destino,
e ébria jaz de poder, de gloria e d'oiro.

Solios oscillam e baqueiam sceptros.
Os povos pedem azas, e na cruz
lhes cravam sem piedade os membros lassos.
Procura o sabio da verdade a luz,

e do porvir o labaro fulgente!
Só vê em torno a si rotos pendões!
O Oceano sorve com o piloto a nave!
Assim morrem os homens e as nações.

Repoisa, murmurando as tuas lendas,
magico espelho em que o passado vês,
Hespanha, que dormias descuidada
co'um mundo inteiro agrilhoado aos pés.

Repoisa altiva França. Da tua fronte
brota em chispas a luz do pensamento.
Morrerá teu fulgor. É a sacra chamma
no mundo novo ha de cobrar o alento.

Repoisa tambem tu, velha Inglaterra.
Ha muito já que o leopardo ingente,
se inda tenta açoitar co'a juba os ares,
não póde mais erguer a adusta frente.

Mundo europeu, repoisa. Ancião dos seculos,
que se esvaem no asylo derradeiro,
e aos teus filhos emtanto a nova America
dará o abrigo e o pão hospitaleiro.

Plainos temos sem fim. Mil nações podem
brotar, brotar na férvida colmeia.
É a America a joia do universo,
d'oiro e diamante em porticos se esteia.

É o porvir só teu, futuro immenso,
como o teu mar e os teus gigantes montes,
fulgente como os astros que scintillam
no azul dos teus vastos horisontes.

Ergue-te, pois, de gloria coroada,
e o teu olhar estende sobre as vagas;
verás que o mundo, de que os reis se ufanam,
podes sumil-o no areial das plagas.

Oh! quem podesse ver realisadas
as doiradas visões da phantasia;
reviver para ouvir dos teus poetas
a triumphante, a sacra melodia!

Mas que? ouve-a já meu peito ufano!
Exilado, mendigo a liberdade,
e vejo, ó patria, ó mãe, a tua gloria,
rasgando as brumas da futura edade!

Por isto vêem se a poesia póde deixar de se erguer a grande altura n'uma terra onde os poetas, exilados, perseguidos, vendo a sua patria opprimida por um tyranno feroz, esphacelada por discordias internas e eternas, se refugiam na visão do futuro, e se comprazem em ver a escrava das paixões partidarias, a terra que a Europa desdenha, triumphante, gloriosa, senhora do mundo, e altiva desprezadora d'essa mes-

na Europa, que hoje tanto se ufana da sua civilisação e das suas instituições.

Não morre a arvore em cujo tronco circula seiva tão energica, por mais que o raio a fulmine, por mais que o incendio a creste com as suas linguas de fogo.

Aqui tem o elemento patriotico e altivo da litteratura argentina. Querem ver como a indignação agita as cordas da lyra d'este poeta, que tão ridentes sonhos phantasia contemplando o futuro da sua patria? Querem ver a poesia illuminada pelo reflexo tremendo e ensanguentado das violencias partidarias? Leiam as imprecações vehementes que elle dirige a Rosas. Agora não é já o poeta devaneador, é o filho d'essa terra inundada de sangue, é o *gaucho* que se revela.

Já vae longo este estudo, e como ainda muito nos resta de que tratar, limitar-nos-hemos a apontar a idéa geral d'essa objurgatoria a Rosas.

«Qual é o demonio envolto em véos que te acompanha, diz elle ao dictador, para eu o seguir apertando na mão fremente o cabo do punhal? Qual é a estrella que te illumina com os seus raios, para que eu chame sobre ella a maldição de Deus? A que horas se insinua o pavido remorso n'esse teu peito de ferro, para eu invocar as visões que te gelam de terror? A que horas adormeces pacificamente no teu leito? Dize-m'o, porque quero fazer que os mortos sáiam do tumulo e te vão apertar o craneo com as suas mãos de esqueleto. Prestae-me o vosso horrido rugido, procellas; o teu fragor tremendo, raio; o teu assustador bramir, aquilão! Prestae-me o vosso estampido, cachões e torrentes, para que eu possa fulminar sobre elle uma terrivel e eterna maldição.»

É delirante este anathema; bafeja-o o sopro aterrador das maldições de Ezequiel.

Quereis agora ver a tristeza resignada? Ouvi este melancolico adeus de Florencio Balcarce, tambem proscripto, tambem victima do despotismo dictatorial:

Não pude á patria dar gloria!
Venceu-me a sorte fatal!
Gota d'orvalho nocturno
sorveu-me o ingrato areial!

Se fôrdes ao solo estranho,
amigos, que me consome,
oh! não piseis os meus ossos,
nem olvideis o meu nome.

Adeus, sombra dos meus lares!
Adeus, ó limpidos ceus!
Adeus, adeus, Buenos-Ayres!
Adeus, para sempre adeus!

Não julguem, comtudo, que a poesia argentina desdenha os espectaculos brilhantes da sua natureza esplendida, nem os assumptos que lhe offerece a indole selvatica e pittoresca dos habitantes dos *pampas*. Bartholomeu Mitre é, entre todos os seus escriptores, o que mais se tem dedicado a este genero, e o seu *Canto do Gaucho* adquiriu justa fama.

Ei-lo, visto pelo avesso na traducção:

Meu cavallo é mais ligeiro
do que a frecha ou que o pampeiro,
e no acceso pelejar
escarva o solo; não cança,
e, ao ver a sangrenta lança,
onde é mais brava a matança,
vae-se intrepido arrojar.

Depois, quando estendo o braço,
quando deito mão ao laço,
seus olhos dardejam luz;
«em cada pupilla escura
uma estrella lhe fulgura,
e de cada ferradura
brotam centelhas a flux.

«Como a noite linda, é lindo!
Como a navalha, fiel!
Mais que á minha morenita
quero ao meu gentil corcel.»

Assim um gaucho cantava...
Mal sôa ao longe o estridor
do clarim, nos ermos plainos
se embebe o audaz corredor.

O que dizemos ácerca da republica argentina refere-se egualmente ao Uruguay e ao Paraguay. Estes dois paizes estão nas mesmas condições, e tem passado por eguaes desventuras. O pequeno estado, que tem por capital Montevideo, ufana-se dos seus poetas Gomez, Figuerôa, Hidalgo, Magariño Cervantes. Só no Paraguay, por inexplicavel mysterio, não tem a poesia desvelados cultores, e nos seus fastos litterarios não reluz um d'esses grandes nomes que são o orgulho das nações suas visinhas.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

## ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

77.º

CARTA

Fez v. um grande serviço aos que desejam escrever em bom portuguez, com a doutrina e com os exemplos que vem no *Archivo*, n. 37 e 38, a respeito da syntaxe das preposições.

De mim confesso que muitas vezes me achava perplexo sobre se havia de escrever *mais que* ou *mais do que*, nas orações comparativas.

Agora já sei que posso pôr ou omittir a preposição, segundo requerer a harmonia da phrase; para o que me bastavam os exemplos que v. aponta de Almeida Garrett, que é cá o meu padre mestre dos casos.

Ultimamente occorreu escrever eu: «O drama está todo traduzido já; só lhe falta a ultima *de mão*.»

Notaram-me isto de corruptela do vulgo, e que devia dizer a *ultima mão*.

É certo que Moraes no *Dicc.* assim o ensina, d'este modo: «Dar uma mão de tinta, cal, oleo, etc. á pintura ou parede. Dar a ultima mão; fig. aperfeiçoar, acabar.»

Mas para evitar o cacophato *(mamão)* creio que podêmos muito bem inserir a preposição *de*, como faz o vulgo, que tambem tem ouvido. E demais, conforma-se isto com a doutrina que v. expendeu, de que a euphonia da nossa lingua permitte estas e outras similhantes liberdades, no tocante ás particulas que não alteram o sentido da oração.

O seu voto será para mim decisivo, como já o tem sido n'outros pontos de linguagem, etc. — *S.*

RESPOSTA

O vulgo tem razão em dizer (fallando de pintura) *uma de mão*, a *ultima de mão*, porque assim evita a cacophonia que nota o nosso correspondente, vicio de que deve fugir a sete pés quem quizer fallar e escrever bem.

Mas no sentido figurado, alludindo á conclusão ou aperfeiçoamento de qualquer outra obra, melhor será evitar a phrase, se é que não for em estilo familiar. De trabalho litterario se costuma dizer — *pôr-lhe ou dar-lhe a ultima lima*, isto é, polil-o, dar-lhe os ultimos toques, aperfeiçoal-o.

Quanto á liberdade que tem o nosso idioma de inserir a particula *de* entre as palavras que sem ella ficariam mal soantes, já dissemos bastante.

E brevemente daremos exemplos de phrases em que ella entra só para donaire e propriedade da lingua.

SILVA TULLIO.